

AS REVOLUÇÕES PASSIVAS NEOLIBERAIS NO PÓS-URSS: SEMELHANÇAS E SINGULARIDADES ENTRE O CAOS NEOLIBERAL RUSSO E UCRANIANO DA DÉCADA DE 1990

Neoliberal passive revolutions in the post-USSR: similarities and singularities between the Russian and the Ukrainian neoliberal chaos in the 1990's

*Felipe Costa Lima*¹

Introdução

Em um lapso temporal de aproximadamente 30 anos, Ucrânia e Rússia deixaram de ser a base de sustentação do Estado soviético para se tornarem atualmente inimigos geopolíticos. Ao observarmos a assertividade russa nas relações internacionais hodiernas e o papel secundário e submisso ucraniano nesse mesmo contexto, parece difícil acreditar que esses países passaram por processos semelhantes desde a década de 1990, principalmente no que concerne à expansão neoliberal nesses territórios. Portanto, a fim de compreender o renascimento russo nas relações internacionais e os conflitos existentes no território ucraniano hodiernamente, é imperioso o entendimento das semelhanças e diferenças da evolução histórica de ambos os países, sobretudo na década de 1990. As informações desenvolvidas neste artigo são essenciais para apreender as temáticas do conflito hegemônico entre o Ocidente e a Federação Russa pelo território ucraniano e a atual guerra civil a Ucrânia.

O objetivo general deste artigo é compreender como os resultados dos desenvolvimentos históricos ucraniano e russo atuais são tão díspares, ainda que ambos países tenham feito parte de uma mesma entidade estatal (URSS) e tenham estado sujeitos a reformas neoliberais “semelhantes”. Torna-se essencial aduzir a complexidade das mudanças ocorridas na Ucrânia e na Federação Russa nos anos 1990, as quais atingiram profundamente suas bases políticas, econômicas e sociais. Além disso, para o entendimento dessas reformulações nos contextos internos e internacional, uma análise histórica mais aprofundada dessa “década do caos” parece ser crucial. Portanto, a “teoria das mudanças” por excelência, ou seja, a Teoria Crítica,

¹ Doutorando em Direito Internacional na Universidade de Strasbourg, França. É mestre em Direito Internacional Público - percurso Direitos Fundamentais - pela Universidade de Strasbourg (Bolsista Eiffel). É mestre em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Especialização em Política Internacional pela Faculdade Damásio de Jesus. Graduação em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Email: felipecostalimas@gmail.com

configura-se num importante instrumento para esse estudo complexo, uma vez que ela permite uma análise histórica profunda dos acontecimentos, a partir de mudanças socioeconômicas e políticas.

Essa teoria é caracterizada pela complexidade, uma vez que se relaciona diretamente com o tempo e o espaço, a fim de transcender as características da ordem existente e problematizar processos de mudanças em diversos âmbitos, como nas relações sociais e de poder, e nas instituições (COX, 1981). O complexo político-social, desse modo, é analisado como um todo, a partir de um diálogo entre a teoria e o mundo real, problematizando a origem histórica dos acontecimentos presentes e transcendendo posteriormente os particularismos, a fim de alcançar proposições gerais ou leis (COX, 1981). Um dos conceitos mais importantes para o desenvolvimento dessa análise crítica será a teoria de Revolução Passiva (GRAMSCI, 1984). Essa teoria aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, por intermédio da demonstração da importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON, 2007).

Nesse sentido, padrões de acumulação distintos refletem diferenças na integração capitalista (ROBINSON apud MORTON, 2007), na medida em que essa articulação entre o internacional e os variados âmbitos nacionais estabelecem desenvolvimentos desiguais nos territórios atualmente afetados pelas forças neoliberais. A globalização e as forças transnacionais do capital e do trabalho não retraíram a importância do Estado, já que essas novas forças impulsionaram novas configurações de forças sociais e reestruturaram conseqüentemente diferentes formas de Estado (MORTON, 2007). Em decorrência disso, forças transnacionais modelam o processo de formação dos Estados, entretanto a relevância das forças das classes nacionais não pode ser desprezada, uma vez que se deve analisar “(...) como o problema complexo aparece das relações das forças internas num país em questão, das relações de forças internacionais, e da posição geopolítica do país” (MORTON 2007, p. 149, tradução nossa²).

No que concerne à construção deste artigo, uma análise comparativa macro-histórica entre as mudanças socioeconômicas e políticas na Ucrânia e na Rússia será colocada em prática, com a finalidade de estabelecermos as generalizações e as possíveis singularidades entre esses objetos estudados (SKOCPOL e SOMERS, 1980). A partir disso, primeiramente, estabeleceremos as semelhanças entre as revoluções passivas russa e ucraniana (1). A fim de compreendê-las, analisaremos, num primeiro momento, a Federação Russa (1.1), explicitando as reformas econômicas neoliberais (A), sobretudo no que se refere às privatizações em massa e ao conseqüente estabelecimento de um Estado Oligárquico na década de 1990 (B).

Num segundo momento, analisaremos e explicitaremos as reformas neoliberais que foram colocadas em prática na Ucrânia e as profundas semelhanças entre estas e aquelas aplicadas no contexto russo (1.2). Torna-se crucial destacar que a análise das reformas na Ucrânia serão mais sucintas do que aquelas da Federação Russa, em decorrência das semelhanças entre os dois processos. Posteriormente, as singularidades desses processos serão explicitadas (Capítulo 2), não somente no que se refere à dependência energética

²How the complex problem arises of the relation of internal forces in the country in question, of the relation of international forces, and of the country's geopolitical position.

ucraniana e à supremacia energética russa (2.1), mas também à opção cesarista russa e ao sistema de clãs ucraniano (2.2).

A década do caos neoliberal: semelhanças entre os casos russo e ucraniano

Federação Russa

a) A Liberalização da Economia

A emergência do neoliberalismo, no sistema internacional, juntamente com todos os problemas durante a transição econômica e política influenciaram intensamente o período pós-Guerra Fria da Rússia. A mudança de uma economia centralizada para uma economia de mercado teve como base a nova economia global do pós-Guerra Fria (Consenso de Washington³) (ALVES, 2011; BURAWOY, 2001), que era entendida como o paradigma essencial para essa transição, por meio do qual se alcançaria o efetivo desenvolvimento da nova Federação Russa. Na primeira metade dos anos de 1990 foi desmantelado o que restou da economia planejada e, posteriormente, na segunda metade, a agenda mudou para a reconstrução do Estado na economia de mercado (DZARASOV, 2014).

Boris Yeltsin, eleito presidente da Rússia em junho de 1991, levou ao poder um grupo de reformadores radicais, como Yegor Gaidar (indicado para os postos de ministro da Economia e das Finanças e, posteriormente, para o de primeiro-ministro) e Anatoly Chubais (indicado como chefe da agência estatal criada para comandar as privatizações). Amparados por consultores ocidentais, estes reformadores acreditavam que uma “terapia de choque”⁴ seria capaz de quebrar os laços com o passado comunista e gerar espontaneamente mercados e as instituições necessárias para seu funcionamento. O principal argumento em favor da “terapia de choque” era o de que a estratégia gradualista não estava funcionando por causa da interferência dos burocratas (ALVES, 2011). Portanto, as reformas deveriam ser realizadas de maneira rápida para serem eficazes e diminuíssem a possibilidade de reversibilidade. A sequência defendida abrangia primeiramente privatizações, desmonopolizações e formação de estruturas de mercado. Posteriormente, métodos de estabilização financeira e liberalização econômica (SINELNIKOV-MURYLEV e TROFIMOV, 2003).

Porém, algumas vicissitudes prejudicaram a aplicação dessas medidas, como a falta de desenvolvimento institucional para a aplicação de uma economia de mercado (SINELNIKOV-MURYLEV e TROFIMOV, 2003); uma crise tributária profunda, a qual foi intensificada posteriormente pela diminuição dos impostos (benefícios fiscais concedidos principalmente aos oligarcas) e pelas permutas (pagamentos mútuos não monetários que possibilitavam a evasão fiscal) (MAU, 2003); e, como consequência, uma crise

³ Consenso de Washington é uma conjugação de grandes medidas que se tornaram a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser “receitado” para promover o ajustamento macroeconômico dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades (FILHO, 1994).

⁴ A “Terapia de Choque”, a qual foi aplicada de fato durante a quase totalidade da década de 1990, defendida por Yegor Gaidar e os “Jovens Reformadores”, argumentava que as reformas neoliberais deveriam ser realizadas de maneira rápida para serem eficazes e diminuíssem a possibilidade de reversibilidade. A sequência defendida primeiramente abrangiam privatizações, desmonopolizações e formação de estruturas de mercado. Posteriormente, métodos de estabilização financeira e liberalização econômica seriam realizados (MURYLEV e TROFIMOV, 2002).

orçamentária, a qual agravou as já profundas tensões sociais (SINELNIKOV-MURYLEV e TROFIMOV, 2003). Entretanto, pode-se assegurar que nada foi mais prejudicial à formação do novo Estado russo do que as privatizações em massa.

b) As privatizações em massa e o aparecimento de um Estado Oligárquico

A partir das privatizações em massa, uma nova classe social burguesa não histórica obteve as empresas mais importantes da antiga URSS e se estabilizou como força política oligárquica efetiva na nova ordem, já que, num espaço de poucos anos, centenas de bilhões de dólares migraram das propriedades estatais para as propriedades privadas, por intermédio do processo de Acumulação por Desposseção (HARVEY, 2004), o que possibilitou que uma classe hegemônica e conglomerados emergissem de uma hora para outra.

Nunca, na história da humanidade, ocorreu uma transferência tão dramática de bem-estar, a não ser por meio de conquistas militares (GUSTAFSON, 2003). Portanto, “a privatização selvagem”, um dos elementos centrais da “terapia de choque” (SCHUTTE apud ALVES, 2011; MEDEIROS, 2011), resultou naquilo que se concretizou como “uma das maiores transferências de riqueza já vistas” (MARSHALL apud ALVES, 2011, p. 194), dando origem a uma nova classe de proprietários, que ficou conhecida como oligarcas.

Sinteticamente, essa transferência maciça atingiu o cerne de um regime que pretendia ser um pujante Estado capitalista, porquanto os novos oligarcas conquistaram essas transferências, na maioria dos casos, por intermédio de manipulações e lobbies regionais e legislativos (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007). Desse modo, não tiveram uma evolução de classe burguesa histórica (BURAWOY, 2001), visto que eles não se comportariam a partir da perspectiva da busca de capitais, mas sim como “sugadores” de renda. A Rússia passou a viver um verdadeiro “capitalismo gangster”, uma vez que “sobre as condições do capitalismo emergente russo, era impossível sobreviver em grandes negócios sem um forte apoio político” (DZARASOV, 2014, p. 3, tradução nossa⁵).

O processo de Acumulação por Desposseção, portanto, significou uma força pró-capitalista intensa na Rússia, na medida em que propiciou uma proletarização em massa da força de trabalho, em decorrência da transferência das empresas estatais para os entes privados (relações capitalistas) e da quebra da estrutura produtiva de agricultura de subsistência (relação não capitalista) (HARVEY, 2004). Desse modo, percebe-se que a supremacia neoliberal e o espalhamento da civilização de mercado (ROBINSON apud MORTON, 2007) impuseram novas hierarquias sociais e diminuíram as bases de participação das massas na Federação Russa, principalmente durante a década de 1990.

Essa “criação destrutiva” transformou a terra, os homens e o dinheiro em mercadorias (POLANYI, 2000; SILVER e ARRIGHI, 2003), a partir de um movimento neoliberal imposto pela ordem internacional (PIJL, 2005; MORTON, 2007) e adaptado especificamente pelo Estado russo. A partir disso, o movimento de expansão do neoliberalismo na Rússia, principalmente com base nos preceitos do Consenso de Washington, possibilitou a criação de relações únicas na integração desse país no capitalismo global (ROBINSON apud

⁵ [...] under the conditions of Russia’s emerging capitalism it was impossible to survive in big business without strong political support.

MORTON, 2007). Assim, processos recomendados pela supremacia norte-americana (SILVER e ARRIGHI, 2003), como as privatizações, proporcionaram a base para a ascensão de uma burguesia não histórica de maneira quase instantânea.

A Acumulação por Despossessão foi a principal base de construção do novo capitalismo russo e teve como consequência a criação de um Estado Oligárquico. Somado a isso, a formação de uma burguesia monopolista ligada essencialmente aos recursos naturais e a centralização de poderio econômico na mão dela, na Rússia, a partir da ortodoxia do livre-mercado, da competição, da privatização e da desregulamentação (Estado mínimo), aprofundaram a inequidade social a níveis extraordinários, além de dizimar as indústrias nacionais, inclusive em âmbitos essenciais – petróleo e metalúrgicas, por exemplo (MEDEIROS, 2011).

O Estado russo foi intensamente prejudicado por esse período de instabilidade. Nesse contexto, a variação do PIB russo foi negativa por cerca de 8 anos, atingindo quase -14,5%, em 1992, e -12,6%, em 1994⁶. “[...] Devido tanto ao seu desmembramento – particularmente com a autonomia da Ucrânia que detinha a melhor agricultura e importantes segmentos da indústria pesada soviética – quanto à contração econômica, a Rússia perdeu 45% do seu PIB entre 1989 e 1998” (MEDEIROS, 2011). O desenvolvimento efetivo não ocorreu em nenhum momento, na medida em que não houve aumento significativo dos investimentos nem tampouco crescimento; a economia de mercado proporcionou, na verdade, enorme corrupção, inequidade e sofrimento da população russa (ALVES, 2011).

Ucrânia

A Ucrânia adotou um nível de reformas mais gradualista do que a Rússia, sendo o país que ficou por mais tempo num sistema soviético de produção, suprimindo, portanto, a iniciativa do setor privado (ADAROV et al., 2015). No começo, as tentativas de estabilização não produziram os resultados esperados, e uma profunda crise econômica se estendeu por toda a década de 1990. Embora a velocidade tenha sido diferente, a maioria dos países seguiu a mesma sequência de reformas, inclusive a Ucrânia:

Liberalização de preços, do comércio e do mercado de câmbio puderam ser implementadas rapidamente, por intermédio de mudanças regulatórias. Similarmente, privatizações de pequenos negócios não encontraram grande oposição. Reformas nessas áreas foram quase que completas em todos os países, exceto Belarus. Mas outras áreas cruciais de reforma e a construção das instituições provaram-se muito mais difíceis, primordialmente porque eles envolvem desafios no que concerne aos interesses. Privatizações em larga escala foram quase todas completadas na primeira década na Europa Central e nos países Bálticos, mas continuam não finalizadas em outros países, especialmente nos Balcãs ocidental e na CEI. Políticas de competição, reformas na governança e reestruturação empresarial tem sido ainda mais difícil de avançar, por causa da oposição de atores domésticos que se beneficiam os arranjos que existem atualmente (ROAF et al., 2014, p. 05, tradução nossa⁷).

⁶ Essas análises foram possíveis a partir da base de dados do Banco Mundial no que concerne à Federação Russa, 2016. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/russia>. Acesso em: 01 out. 2016

⁷ Liberalization of prices, trade, and foreign exchange could be implemented quickly, through legal and regulatory changes. Similarly, privatization of small businesses did not encounter major opposition. Reforms in these areas are mostly complete in all countries except Belarus. But other crucial areas of reform and institution- building have proven much more difficult, chiefly because they involve challenges to vested interests. Large- scale privatization was largely completed in the first decade of transition in central Europe and the Baltics, but remains to be finished in many other countries, especially in the Western Balkans and the CIS. Competition policy, governance reform, and enterprise restructuring have been even more difficult to advance in the face of opposition from insiders benefiting from existing arrangements.

Nessa ex-república soviética, o primeiro programa de reformas, de 1995, previa a privatização, eliminação de cotas de exportação para a maioria dos produtos, redução do controle de preços e ajustes nos subsídios estatais. Subseqüentemente, o programa seguinte focou-se na venda das empresas estatais, iniciada nesse ano, mas aprofundada no final da década de 1990 (ROAF et al., 2014).

Conquanto existam diferenças na estratégia utilizada pela Rússia e pela Ucrânia, esses países enfrentaram problemas econômicos e estruturais semelhantemente intensos durante a década de 1990. Por exemplo, a inflação ucraniana atingiu o ápice em 1993, com cerca de 10.000% ao ano (BALMACEDA, 2008). Somado a isso, a instabilidade monetária (a Ucrânia não teve moeda oficial até o ano de 1996, quando ocorreu o estabelecimento da Hryvnia), o colapso industrial e a queda profunda do PIB (queda de 62%, entre 1991 e 1998) proporcionaram um período de crise sem precedentes na Ucrânia (BALMACEDA, 2008).

Além disso, semelhantemente à Rússia, o PIB per capita ucraniano manteve-se em patamares muito baixos na década de 1990 e início da década de 2000. De maneira assustadora, o PIB per capita ucraniano tem valores semelhantes entre 1988 e 2004, ou seja, por aproximadamente de 16 anos, essa variável teve níveis menores do que aqueles existentes antes da queda da ex-URSS, para, somente a partir de 2004, superar esse valor pretérito⁸.

Com relação ao PIB ucraniano, esse índice sofreu uma queda massiva, com picos em 1993 (-14,27%) e em 1994 (-22,55%). A seqüência de quedas foi interrompida apenas em 1999, quando o PIB ucraniano subiu 0,75%. A partir daí, experimentou 8 anos de crescimento em seqüência, com pico em 2004 (12,95%). Por causa da crise de 2008, a Ucrânia atingiu -14,42% de decréscimo no PIB, recuperando-se posteriormente para, em 2014, novamente sofrer perdas, principalmente em decorrência do conflito no leste ucraniano (-9,57% em 2015)⁹.

Semelhantemente ao que ocorria na Rússia, o processo de privatizações e o conseqüente processo de Acumulação por Despossessão propiciou que os diretores das empresas estatais se tornassem os donos de *facto* dessas mesmas empresas, possibilitando a combinação de recursos econômicos com poder político baseados regionalmente. Essas privatizações aumentaram imensamente os lucros dos novos oligarcas, que transformaram esse poder econômico em poder político, por meio da compra de canais de televisão/rádio e da concessão de benesses regionais para as populações em suas áreas de influência. A base de poder dessa nova elite baseava-se na posição na estrutura econômica e nos interesses setoriais, principalmente energéticos, e não por supremacia ideológica (BALMACEDA, 2008).

Portanto, assim como na Rússia, a Acumulação por Despossessão foi o instrumento ideal para a ascensão dos antigos *Red Directors*¹⁰ ao poder econômico e político no novo contexto de revolução neoliberal

⁸ Essas análises foram possíveis a partir da base de dados do Banco Mundial no que concerne à Ucrânia. 2016. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/ukraine>. Acesso em: 01 out. 2016

⁹ *Ibid.*

¹⁰ Os RedDirectors são os antigos dirigentes soviéticos que, por meio do processo de privatizações, ocorrido na Ucrânia, principalmente nos anos 1990, conseguiram manter e aprofundar suas posições na estrutura econômica em diversos setores da economia ucraniana, principalmente o energético (ZON, 2007). Posteriormente, com o aprofundamento do seu poder econômico, passam a combinar recursos econômicos e poder político, estabelecendo, assim, um verdadeiro Sistema de Clãs, baseados regionalmente (BAGs) (MATUSZAK, 2012).

ucraniana. As velhas e novas oligarquias dominantes ascenderam ao poder a partir de mudanças nas relações de produção, por meio da Acumulação por Despossessão, o que institucionalizou o papel do Estado como mediador dessas forças sociais locais – principalmente durante o governo Kuchma¹¹ –, as quais, também, possuem vínculos transnacionais, principalmente com a Rússia e o Ocidente. As pressões internas e externas são extremamente complexas, já que são projetadas diretamente ou indiretamente por diversos contextos, o que, conseqüentemente, determina a complexidade da estrutura ucraniana após o fim da URSS (GNEDINA e SLAPTSOVA; MATUSZAK, 2012; PLANK, 2016; PIJL, 2016; e ZON, 2007).

Percebe-se que, semelhantemente à revolução neoliberal ocorrida na Rússia, a Ucrânia experimentou um processo de mudanças políticas, econômicas e sociais intensas, na medida em que inúmeras vicissitudes proporcionaram características singulares aos contextos interno e externo das ex- repúblicas soviéticas. Primeiramente, a independência formal estabelecia diversos desafios, como a conformação de uma burocracia e o confronto entre elites pelo poder político (MATUSZAK, 2012; PLANK 2016; e ZON, 2007) já que o fim da URSS, na qual o aparato de Moscou era predominante, deixou um relativo vácuo de poder na sociedade ucraniana, ainda que a Ucrânia tivesse um Partido Comunista dominante.

Economicamente, características como inflação crônica, colapso industrial, instabilidade monetária e queda profunda no PIB proporcionaram um período de crise sem precedentes na história ucraniana. No que concerne ao âmbito social, as privatizações ocorridas nos anos 1990 empoderaram diversos grupos econômicos oligárquicos, os chamados *Red Directors* (ZON, 2007), que, por intermédio do processo de Acumulação por Despossessão, sequestraram o Estado ucraniano, institucionalizando a corrupção do apoio político em troca de favores econômicos, principalmente durante o mandato presidencial de Kuchma (1994-2004).

A partir do conceito de Revolução Passiva, percebe-se que as mudanças do contexto internacional (a queda da URSS e a expansão do neoliberalismo) foram internalizadas nesses dois países notadamente por intermédio das elites oligárquicas que ascenderam ao poder a partir do processo de Acumulação por Despossessão. Desse modo, podemos apreender as semelhanças vivenciadas por ambos regimes pós-URSS, tanto ucraniano como russo, que muito se deve à herança soviética, como também às mudanças bruscas vivenciadas pela revolução de mercado e à ascensão de grupos oligárquicas, os quais “capturaram” o aparato estatal desses países, a fim de impulsionar seus interesses individuais.

No que concerne à superestrutura, a ortodoxia do mercado preencheria o vazio ideológico deixado pela queda do regime baseado no Marxismo-leninismo, a qual apontava que o sucesso do Ocidente e a derrota da URSS deviam-se ao próprio mercado (DZARASOV, 2014), visto que este ofereceria uma oportunidade para a Rússia e para a Ucrânia se desenvolverem e se reformarem. Com relação às novas relações sociais, a antiga

¹¹ Clãs baseados em indústrias regionais, que são distribuídas desproporcionalmente pelo país, foram estabelecidos durante o primeiro mandato de Leonid Kuchma. Grandes plantas de indústrias pesadas estão concentradas predominantemente nas duas regiões mais ao leste, a Donets Basin (os Oblasts de Donetsk e Lugansk) e as áreas ao redor de Dnipropetrovsk (principalmente os Oblasts de Dnipropetrovsk e Zaporizhia). Os centros industriais remanescentes, como em Kharkiv, foram de alguma maneira menos significantes. O presidente, em decorrência do vasto alcance de sua autoridade, agia como um árbitro entre os grupos oligarcas emergentes. Ele buscou manter o balanço entre os clãs ao colocar alguns deles uns contra os outros, assim como ao prevenir os oligarcas de se tornarem independentes das estruturas governamentais por um longo tempo (MATUSZAK, 2012, p. 12-13).

classe estatal soviética buscou manter intactos seus privilégios, principalmente durante o processo de transição de uma sociedade socialista para uma sociedade de mercado. A partir disso, a antiga burocracia soviética transformou-se em proprietária das antigas manufaturas soviéticas, o que possibilitou a manutenção e até mesmo a expansão de sua importância na nova sociedade de mercado (CLARKE, 1995), inclusive com relação ao novo quadro político russo.

Rompia-se, assim, com o bloco histórico soviético, dando lugar a um bloco histórico oligárquico não consolidado, já que existe intensa contestação à hegemonia desse grupo dominante. Como resultado, a expansão do modelo neoliberal para a Federação Russa e para a Ucrânia proporcionou as bases para um intenso processo de periferização da ex-URSS.

O capital, por intermédio do processo de ilusão e idealização dos seus benefícios (ZIZEK, 1995), proporcionou um dos mais violentos processos de acumulação e expropriação da história da humanidade (HARVEY, 2004). A partir dessa análise geral a respeito da Revolução Passiva ocorrida nos territórios russo e ucraniano, assim como suas consequências nos contextos políticos, econômicos e sociais, tornam-se claras as mudanças nas relações sociais e nos tipos de Estados na Federação Russa e na Ucrânia.

As singularidades das revoluções passivas russa e ucraniana

A dependência ucraniana x a supremacia energética russa

As indústrias gigantes soviéticas eram extremamente ineficientes energeticamente, demandando assim grande quantidade de recursos para a manutenção do funcionamento dessas companhias. Esse legado impunha inúmeros problemas à Ucrânia, uma vez que a grande maioria dos corredores de transporte energéticos era proveniente da Rússia, o que proporcionava profundas dificuldades na busca de alternativas de suprimento (BALMACEDA, 2008).

A questão da segurança energética é uma variável indispensável para entender as relações entre os países que compunham a ex-URSS e também suas relações com a Europa Oriental. Essa dependência afeta a economia, a política doméstica e as relações internacionais desses países, principalmente da Ucrânia (ADAROV et al., 2015)¹². Essa capacidade material russa, derivada do período soviético, aprofundou-se posteriormente, à medida que essa tradicional dependência foi instrumentalizada para intensificar e promover novas dependências. Nesse contexto, de acordo com ADAROV et. al (2015), as exportações com destino à Rússia - as quais normalmente originam-se da região oriental do território ucraniano (Donbass) - demonstram uma estrutura mais avançada: máquinas, equipamentos, aeronaves, embarcações e outros equipamentos de transporte. Reconhecidamente, essas exportações são frequentemente remanescentes dos laços do passado de cooperação do período soviético, as quais são profundamente não competitivas em outros mercados.

¹² Em 2013, mais de 30% do total das importações ucranianas ainda provinham da Rússia, sendo que 2/3 das importações supracitadas representavam energia (BALMACEDA, 2008).

A dependência energética tradicional refere-se, principalmente, ao contexto da infraestrutura da ex-URSS, visto que o transporte de gás e petróleo entre as repúblicas soviéticas eram centralizados na Rússia. As reservas locais dos territórios soviéticos, além disso, não eram desenvolvidas e estavam sob o controle direto da burocracia de Moscou. Somado a isso, a partir do fim da URSS, Moscou conseguiu estabelecer não apenas o monopólio das vendas de gás e petróleo para a Ucrânia, mas também um monopólio¹³ na compra desses produtos de outros fornecedores regionais, como o Turcomenistão e o Uzbequistão, principalmente por intermédio da Gazprom – isso foi intensificado no período pós-Vladimir Putin (BALMACEDA, 2008).

Em decorrência disso, a Federação Russa bloqueia qualquer tentativa de diversificação das exportações e importações de petróleo e gás por parte da Ucrânia. Por meio da utilização da dependência energética como instrumento de política externa, Moscou consegue prevenir a competição dos países da Ásia Central na venda de gás para a Europa, promove a compensação da produção russa, impede a construção de novos gasodutos e a diversificação energética ucraniana (BALMACEDA, 2008).

A dependência energética da Ucrânia com relação à Rússia é alarmante, visto que, se contabilizada a energia nuclear, juntamente com o petróleo, o gás e os equipamentos das plantas industriais, ela alcançava 70-75% do total importado em 2004 (BALMACEDA, 2008). Percebe-se que a Rússia tem grande margem de manobra sobre a Ucrânia.

Uma outra grande tentação para a Ucrânia (aprofundar laços com a Rússia) é a promessa de diminuição do preço das matérias-primas energéticas, principalmente o gás. No segundo trimestre de 2012, a Ucrânia pagou US\$ 426 por 1,000 m³ de gás, enquanto o preço do gás para o Belarus, que pertence à União Aduaneira (encabeçada pela Rússia), foi apenas US\$ 165 [...] Por causa dos preços altos do petróleo e do gás, as plantas ucranianas tem se tornado menos e menos competitivas (MATUSZAK, 2012, p. 70, tradução nossa¹⁴).

Percebe-se desse modo que, embora as revoluções passivas na Federação Russa e na Ucrânia tenham tido efeitos semelhantes (caos econômico, político e social), a herança soviética (dependência energética ucraniana) e a instrumentação dela pela burocracia de Moscou para conquistar benefícios em política externa demonstram que os problemas ucranianos são bem mais profundos do que os russos. A autonomia energética é um dos principais fundamentos para o desenvolvimento autônomo de um Estado, sobretudo num ambiente internacional dominado pela força coercitiva; assim, o desenvolvimento econômico ucraniano é prejudicado pela falta de autonomia desse Estado no tocante às políticas energéticas. Por fim, essas heranças não somente propiciaram consequências econômicas distintas entre esses dois Estados, mas também resultados políticos discrepantes ao caos neoliberal da década de 1990.

¹³ Estrutura de mercado caracterizada por haver um único comprador para o produto de vários vendedores (MANKIOW, 2005).

¹⁴ Another equally great temptation for Ukraine is the promise of lowering the price of energy raw materials, especially gas. In the second quarter of 2012, Ukraine paid US\$426 for 1,000 m³ of gas, while the gas price for Belarus, which belongs to the Customs Union, was only US\$165 [...] Due to the high prices of oil and gas. Ukrainian plants are becoming less and less competitive.

A opção cesarista¹⁵ russa x o sistema de clãs ucraniano

Remetendo ao período soviético, torna-se fundamental entender a profunda centralização burocrática da URSS em Moscou, na medida em que, de acordo com Kempton e Clark (2002, p. 205, tradução nossa) “todas as estradas levavam para Moscou, e todas as decisões burocráticas passavam por Moscou. Se uma planta industrial do Tartaristão necessitasse de combustível de uma refinaria em Bashkortostão, a decisão – e possivelmente o petróleo – teria que passar por Moscou”¹⁶.

A partir disso, percebe-se que todas as autoridades de tomadas de decisão e a responsabilidade de coordenação estavam concentradas no centro da URSS, que era a burocracia de Moscou. Portanto, nas outras ex-repúblicas da URSS, existia pouco espaço para iniciativa, ou seja, as burocracias delas foram treinadas para cumprir ordens e se coordenar diretamente com o centro. Em decorrência disso, os administradores públicos em todos os níveis desses ex-territórios foram pouco treinados para o novo ambiente independentista após o colapso soviético, o que colocou diversos desafios para essas novas burocracias (KEMPTON e CLARK, 2002).

No caso ucraniano, o sequestro do Estado pelo sistema de clãs possibilitou a supremacia dos interesses individuais desses grupos sobre aqueles do país, o que beneficiava Moscou, na medida em que a Rússia poderia usar a dependência energética ucraniana para obter resultados de política externa favoráveis (MATUSZAK, 2012). Desde a formação dos clãs Dnipropetrovsk, Donetsk e Kiev na Ucrânia, eles competiram por influência e pelo controle do governo central. Para esse fim, todos os três clãs eram formados por poderosos oligarcas, tinham seus próprios partidos políticos, facções parlamentares e seus próprios jornais e canais de televisão, mostrando-se assim bem organizados para a arena política (ZON, 2007).

Assim, essas oligarquias ascendentes implementaram um verdadeiro sistema de clãs, primordialmente em decorrência da falta de uma burocracia estatal efetiva e histórica, o que proporcionou uma luta intensa de poder entre eles (MATUSZAK, 2012; ZON, 2007). Somado a isso, esse sistema de clãs existiu na Ucrânia porque, entre outras razões, o aprofundamento do processo de Acumulação por Despossessão ocorreu somente no fim dos anos 1990, assim, os novos oligarcas inicialmente precisaram se apoiar mutuamente, a partir de relações territoriais e/ou setoriais, e dependiam de maneira mais profunda do governo central (MATUSZAK, 2012). Posteriormente, contudo, a intensificação da Acumulação por Despossessão nesse Estado proporcionou o aumento da importância dos conglomerados de maneira individual, o que estabeleceu inúmeros interesses díspares na Ucrânia (BIRD, VDOVII e TKACHENKO, 2015).

Nesse sentido, o clã Donetsk conseguiu estabelecer em Donbass uma verdadeira região oligárquica dentro de uma República Oligárquica (Ucrânia), por meio do controle sobre as autoridades públicas e do estabelecimento de um quase monopólio na região, na medida em que controlava os preços dos produtos produzidos e a alocação de recursos na região. Zon (2007) afirma que qualquer competidor que ameace a

¹⁵ De maneira análoga ao conceito de bonapartismo que Trotsky desenvolveu a partir de Marx, o conceito de “cesarismo” de Antônio Gramsci reflete a respeito do fenômeno da elevação do aparato estatal à função de árbitro das disputas entre classes sociais. As ocorrências históricas desse tipo de regime são possíveis em situações em que antagonistas estão em equilíbrio, o que pode levar à destruição mútua das classes em conflito e à desagregação da sociedade (GRAMSCI, 1984).

¹⁶ [...] all roads led to Moscow, and all bureaucratic decisions passed through Moscow. If an auto plant in Tartarstan need fuel from a refinery in Bashkortostan, the decision – and possibly even the oil – had to go through Moscow.

soberania do clã de Donetsk, seja da Ucrânia ou do exterior, é expulso por meio de métodos injustos ou até mesmo criminosos, o que demonstra a inexistência da livre-competição na região, porquanto ninguém faz negócios em Donetsk sem a permissão do clã. Somado a isso, aos bancos somente é permitido financiar indústrias desse clã.

Ainda de acordo com Zon (2007), no que se refere ao âmbito internacional, o afastamento da política externa ucraniana da UE, impulsionando a submissão com relação à Rússia alarmou a muitos - em 2003 o governo da Ucrânia assinou um tratado com a *Commonwealth of Independent States* (CIS), o que poderia indicar uma futura submissão à Rússia. Muitos aduziram que a Revolução Laranja tinha sido o fim da tentativa de implantação do modelo de Donetsk (uma extensão da civilização soviética) para toda a Ucrânia. A partir desse exemplo, percebe-se que o mais importante clã ucraniano, o clã Donetsk, não possui força suficiente para “unificar” o território ucraniano sob seu domínio burocrático. Primeiramente, seus interesses estão mais fortemente ligados àqueles russos, diferentemente das outras regiões ucranianas; segundo, esse clã não possui ascendência ideológica sobre as outras burocracias e as populações das outras regiões da Ucrânia, nem nunca exerceu uma liderança genuinamente nacional.

Semelhantemente, no que concerne à Rússia, durante a década de 1990, forças políticas conservadores começaram a dominar e a consolidar-se no poder local, evitando a entrada de políticos democráticos na administração, criando desse modo governos baseados no poder executivo. Em decorrência disso, um novo sistema político emergiu, baseado na proteção política e no não funcionamento das instituições. A nova economia servia principalmente aos interesses da especulação do Ocidente, e houve aumento da influência das máfias e transformação da Rússia em exportadora de commodities (GUSTAFSON, 2003). Ainda que o Estado russo possuísse certo grau de autonomia com relação às oligarquias, os interesses destas prevaleceram na maioria das vezes, transformando a Federação Russa num Estado oligárquico. Entretanto, a novidade russa com relação à Ucrânia refere-se à ascensão de uma figura bonapartista (Vladimir Putin), tributária da fratura e do caos social e econômico do período Yeltsin, e dos profundos conflitos entre antagonistas oligárquicos no período. O seu discurso de posse demonstrava o que ele pensava do passado e proporcionava uma ideia do que ele imaginava para o futuro da Federação Russa:

A integridade territorial da Rússia não está sujeita a negociações. (...) Tomaremos ações duras contra qualquer um que viole nossa integridade territorial. A Rússia tem sido um grande poder há séculos, e continua sendo. Sempre teve e ainda tem áreas de legítimas de interesse no exterior, em antigas terras soviéticas e além. Não devemos baixar nossa guarda, nem deixar que nossa opinião seja ignorada¹⁷.

Portanto, ainda que a necessidade de mediação dos conflitos por uma solução arbitral fosse necessária tanto no caso russo como no ucraniano, somente a Federação Russa possuía uma burocracia histórica autônoma (burocracia político-militar), a qual foi essencial para a retomada de políticas do interesse nacional (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007).

¹⁷ Discurso de posse de Vladimir Putin como Primeiro-Ministro da Rússia, perante o Parlamento Russo (Duma). 16 ago. 1999. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140328_putin_urss_pai. Acesso em: 01 nov. 2015

Considerações Finais

Em conclusão, conquanto existam inúmeras semelhanças entre as revoluções passivas ocorridas nesses dois Estados (o caos neoliberal da década de 1990), as heranças do período soviético e a instrumentalização delas por Moscou foram determinantes para as diferenças entre esses dois processos.

A respeito do âmbito político, o legado soviético e as diferenças entre o centro e a periferia desse Estado proporcionaram problemas profundos à independência política e econômica da Ucrânia. Primeiramente, a burocracia estatal soviética concentrava-se em Moscou, ou seja, as decisões políticas, socioeconômicas e administrativas ocorriam primordialmente nesse centro da URSS; os outros Estados, desse modo, configuravam-se em periferias no que concerne ao aparato estatal (KEMPTON e CLARK, 2002). A partir da falta de estatização burocrática e de uma classe política estatal profissional, os aparatos desses Estados acabaram sendo dominados pelas elites desses países. Embora esse “sequestro” do Estado tenha ocorrido também na Federação Russa da década de 1990, alianças perpetradas por Putin com o aparato militar russo e com ex- componentes da KGB soviética proporcionaram a restauração da autonomia do Estado na Rússia frente aos interesses oligárquicos (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007; SCHUTTE apud ADAM, 2011). Baseado nessa burocracia, o cesarismo de Putin foi possível e pôde implementar uma verdadeira guerra contra alguns setores oligárquicos desse país.

No modelo corporativista de Putin, um grupo de companhias de bom desempenho, orientadas para exportação, seria a espinha dorsal de um Estado forte e centralizado, que monitoraria a acumulação de capital. Desse modo, Putin explicitamente quer [...] fazer com que a indústria de transformação russa seja competitiva e garanta acesso a mercados estrangeiros; e usar parte da grande renda do petróleo e do gás para financiar um moderno Estado do Bem-Estar Social. (MOMMEN, VALUEV e GOLUNOV, 2007, p. 343, tradução nossa¹⁸).

Portanto, a figura cesarista¹⁹ de Vladimir Putin emergiu a partir da catástrofe estrutural e das deficiências intrínsecas propiciadas por todos os fatores supracitados, que possibilitaram o aparecimento de uma espécie de solução arbitral no contexto da Federação Russa. Ele conseguiu despertar e organizar a vontade coletiva de um determinado bloco histórico, restaurando e reorganizando o Estado russo. Putin estabeleceu um tipo de cesarismo reacionário²⁰ na Rússia, uma vez que não proporcionou a criação original de um novo Estado, porquanto as mudanças estabelecidas por esse estadista podem ser consideradas proeminentemente reformistas, e não revolucionárias:

Em contrapartida, na Ucrânia, a falta de uma burocracia estatal autônoma não permitiu que os interesses estatais fossem primordiais nesse país, na medida em que a tomada do aparato estatal pelas

¹⁸ In Putin's corporatist model a group of well- performing export-oriented companies has to become the backbone of a strong and centralised state monitoring accumulation of capital. Therefore, Putin explicitly wants [...] to make the Russian transforming industry competitive and to give it access to foreign markets; and to use a part of Russia's huge oil and gas revenues for the funding of a modern welfare state.

¹⁹ O conceito de Losurdo (2004) visa o entendimento de novos tipos e maneiras de manifestação da solução arbitral na atualidade, assim como fez Gramsci com relação ao conceito trotskista de bonapartismo.

²⁰ A fim de compreender se determinada solução arbitral é reacionária ou progressista, a relação dialética revolução-restauração torna-se primordial, já que no cesarismo reacionário o elemento revolução predomina, enquanto no cesarismo progressista o elemento restauração é primordial (LOSURDO, 2004).

oligarquias/clãs ucranianos se tornou perene. Dessa maneira, ainda que Kuchma, por exemplo, possa ser considerado, em determinado sentido, uma opção cesarista, ela não se baseou num aparato estatal forte, mas sim no clã Dnipropetrovsk e nos seus próprios interesses, sem uma base estatal de apoio; esse presidente, portanto, não pode ser considerado efetivamente uma solução arbitral. A partir disso, uma guerra às oligarquias na Ucrânia seria impensável, já que elas ou algumas delas são a base de sustentação de qualquer governo que seja estabelecido no país.

Inicialmente, na segunda metade da década de 1990, o sistema que emergiu na Ucrânia era intrinsecamente similar ao sistema russo, no qual a autoridade do presidente Boris Yeltsin foi restrita por poderosos oligarcas [...]. Porém, quando Vladimir Putin ascendeu ao poder em 2000, esses dois modelos tornaram-se, com o passar do tempo, diferentes. Putin conseguiu fazer com que os grandes negócios se subordinassem ao governo em poucos anos. Um marco nesse processo foi a aquisição pelo Estado dos ativos da maior companhia russa, a Yukos [...]. Esse processo na Ucrânia moveu-se na direção oposta: o governo tornou-se cada vez mais fraco, e os oligarcas ganharam força (MATUSZAK, 2012, p. 16-17, tradução nossa²¹).

Desse modo, a ascensão cesarista de Vladimir Putin e o seu sucesso na institucionalização do seu poder, regionalmente e globalmente, opõe-se frontalmente ao relativo fracasso das instituições políticas e econômicas ucranianas em reformarem-se, já que as características singulares domésticas, ou seja, a menor autonomia da Ucrânia e as pressões intensas do cenário internacional impediram mudanças mais bruscas.

No que concerne ao contexto econômico, o legado soviético também impôs profundos problemas à Ucrânia, visto que a economia da URSS se concentrava primordialmente em Moscou, ou seja, a grande maioria dos corredores de transporte energéticos era proveniente da Rússia, o que proporcionava profundas dificuldades na busca de alternativas de suprimento no momento pós-independência. Além disso, a Federação Russa era (e ainda é em muitos contextos) a principal parceira comercial e fonte de investimentos dos países da ex-URSS, o que impõe a eles não somente a necessidade de negociar com a Rússia, mas também uma relação de dependência profunda.

Em conclusão, ficam claras as diferentes revoluções passivas ocorridas nesses países. Enquanto o Estado russo conseguiu se reorganizar socioeconômico, político e ideologicamente a partir de uma figura cesarista (uma grande força interna), os interesses díspares dos clãs ucranianos se perpetuaram (unidade estatal debilitada historicamente). Além disso, enquanto o Kremlin tem autonomia energética para decidir suas políticas econômicas e de desenvolvimento (posição geopolítica privilegiada), a Ucrânia é profundamente dependente energeticamente da Federação Russa (posição geopolítica debilitada), o que provoca inúmeras vicissitudes para a política interna e externa daquele país. Portanto, a revolução passiva neoliberal na Rússia contou, mesmo que tardiamente, com um aparato estatal forte e uma autonomia energética intensa para organizar seus interesses; em contrapartida, naquela ocorrida na Ucrânia, um aparato estatal débil e uma estreita autonomia perpetuaram um Estado dominado pelos interesses dos clãs.

²¹ Initially, in the second half of the 1990s, the system which emerged in Ukraine was quite similar to the Russian system, where President Boris Yeltsin's authority was restricted by powerful oligarchs [...]. However, when Vladimir Putin came to power in 2000, these two models became increasingly different. Putin managed to make big business subordinate to the government in several years. A milestone in this process was the state's takeover of the assets of Russia's largest oil company, Yukos [...] This process in Ukraine moved in the opposite direction: the government was becoming weaker and weaker, and the oligarchs were gaining strength.

Essas conclusões são variáveis indispensáveis, ainda que não sejam as únicas, para se compreender não somente a guerra civil existente atualmente no território ucraniano, mas também, num contexto mais global, o conflito hegemônico entre a Federação Russa e o Ocidente por esse território.

REFERÊNCIAS

- ADAROV, Amat; ASTROV, Vasily; HAVLIK, Peter; HUNYA, Gábor; LANDESMANN, Michael; e PODKAMINER, Leon. How to Stabilise the Economy of Ukraine. **The Vienna Institute for International Economic Studies**. Viena. Final Report. p. 1-100, 2015. Disponível em: <https://wiiw.ac.at/how-to-stabilise-the-economy-of-ukraine-p-3562.html>
- ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. Internacionalização de Empresas Russas. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia**. Cap. 6. p. 183-240. Brasília: Ipea, 2011.
- BALMACEDA, Margarita M. Energy Dependence. **Politics and Corruption in the Former Soviet Union: Russia's power, oligarchs' profits and Ukraine's missing energy policy, 1995-2006**. Oxon and New York: Routledge, 2008.
- BIRD, Michael; VDOVII, Lina; e TKACHENKO, Yana. The Donbass Paradox: Russian-backed separatists have plundered the rebel-held regions in Ukraine's industrial heartland and created an economy stricken with fear, hypocrisy and contradiction. **The Black Sea**, 2015. Disponível em: <http://www.theblacksea.eu/donbass/>. Acesso em: 10 out. 2016.
- BURAWOY, M. Transition without transformation: Russia's Involuntary road to capitalism. **East European Politics and Societies**. v. 15, n. 02, p. 269-290, 2001.
- CLARKE, Simon. Management and Industry in Russia: Formal and Informal Relations in the Period of Transition. **Institute for Comparative Labour Relations Research**. p. 1-27. Moscow. 1995.
- COX, Robert. Social forces, states and world orders: beyond International relations Theory. **Millennium: journal of international studies**, vol. 10, n. 2, p. 126-155, 1981.
- DZARASOV, Ruslan. **The Conundrum of Russian Capitalism: The Post-Soviet Economy in the World System**. New York: Pluto Press, 2014.
- FILHO, Petrônio Portela. O ajustamento na América Latina: crítica ao modelo de Washington. **Lua Nova [online]**. v. 15, n. 2, p. 101-131, 1994.
- GNEDINA, E e SLAPTSOVA, E. Eschewing Choice: Ukraine's Strategy on Russia and the EU. **Centre for European Policy Studies**. n. 360, p. 01-21, 2012. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/139446/WD360%20Gnedina%20&%20Sleptsova%20on%20Ukraine.pdf>
- GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.
- GUSTAFSON, Thane. **Capitalism Russian-Style**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004
- KEMPTON, Daniel R. e CLARK, Terry D. **Unity or Separation: Center-Periphery Relations in the Former**

Soviet Union. Westport, Connecticut, London: PRAEGER, 2002.

LOSURDO, Domenico. **Democracia ou Bonapartismo**: Triunfo e decadência do sufrágio universal. São Paulo: Editora Unesp, 2004

MANKIW, N. Gregory. **Introdução à economia**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

MATUSZAK, Slawomir. The Oligarchic Democracy: The Influence of Business Groups on Ukrainian Politics. **OSW Studies**. n. 42, p. 01-113, 2012. Disponível em: https://www.osw.waw.pl/sites/default/files/prace_42_en_0.pdf

MAU, Vladimir. The Logic and Nature of the Soviet Economic Crisis. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org). Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. A Economia Política da Transição na Rússia. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição**: vinte anos de transformações na Rússia (org). Cap. 01, p. 13-38. Brasília: Ipea, 2011

MOMMEN, André, VALUEV, Vasily, e GOLUNOV, Serghei. The Kremlin and the oligarchs: Clashing economic interests in Russia. In: JILBERTO, Alex E. Fernandez e HOGENBOOM, Barbara. **Big Business and Economic Development**: Conglomerates and Economic Groups in Developing Countries and Transition Economies under Globalisation. USA and Canada: Routledge, 2007.

MORTON, Adam David. **Unravelling Gramsci**: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy, London: Pluto Press, 2007.

PIJL, Kees Van Der. **Transnational Classes and International Relations**. London and New York: Routledge, 2005.

PIJL, Kees Van Der. Ukraine: between East and West. Report for the NO campaign in the Dutch Referendum on the EU-Ukrainian Association Agreement. **Centre for Global Political Economy**. p. 1-145. Utrecht: University of Sussex, 2016.

PLANK, Cristina. The agrofuels project in Ukraine: how oligarchs and the EU foster agrarian injustice. In: PICHLER, M. STARITZ, C. KUBLBOC, K. PLANK, C. RAZA, W. & PEYRÉ, F.R. **Fairness and justice in Natural Resources Politics**. London and New York: Routledge, 2016.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ROAF, James; ATOYAN, Ruben; JOSHI, Bikas; KROGULSKI, Krzysztof; e IMF Staff Team. 25 Years of Transition: Post-Communist Europe and the IMF. **Regional Economic Issues Special Report**. Washington: International Monetary Fund, 2014.

SILVER, Beverly J. and ARRIGHI, Giovanni. Polanyi's "Double Movement": The Belle Époques of British and US Hegemony Compared. **Politics & Society**. vol. 31. n. 2, p. 325-355, 2003.

SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei e TROFIMOV, Georgy. General Macroeconomic Problems of the Post socialist Transition in Russia. In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition** (org)x. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2003.

SKOCPOL, T e SOMERS, M. The uses of comparative history in macro-social inquiry, **Comparative Studies in Society and History**, vol. 22, n.2, p. 174-197, 1980.

ZIZEK (S.), *Mapping Ideology*, London-New York: Verso, 1995

ZON, Van Hans. The rise of Conglomerates in Ukraine: The Donetsk Case. In: JILBERTO, Alex E. Fernandez e HOGENBOOM, Barbara. **Big Business and Economic Development: Conglomerates and Economic Groups in Developing Countries and Transition Economies under Globalisation. USA and Canada:** Routledge, 2007.

*Recebido em 10 de abril de 2019.
Aprovado em 4 de junho de 2019.*

RESUMO

As consequências catastróficas das revoluções passivas ocorridas na Federação Russa e na Ucrânia nos anos 1990 somente podem ser compreendidas a partir de dois acontecimentos indispensáveis: a desintegração da ex-URSS e a expansão do neoliberalismo nesses novos Estados formalmente independentes. Desse modo, o fim do bloco histórico soviético e a instauração do discurso hegemônico neoliberal nesses dois países possibilitaram mudanças drásticas em todos os contextos, como político, econômico e social. De uma maneira talvez paradoxal, embora o fim da URSS e a expansão neoliberal sejam dois fatores comuns em ambas revoluções, elas são também os dois fatores diferenciadores. Portanto, o objetivo central deste artigo será explicitar as semelhanças e as diferenças desses dois processos, os quais são profundamente tributários da herança socioeconômica e política do período soviético.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Hegemonia; Neoliberalismo; Cesarismo.

ABSTRACT

It stands to reason that the catastrophic consequences of the passive revolutions in the Russian Federation and in Ukraine, during the 1990's, must be comprehended from two indispensable historical events: the disintegration of the former USSR and the expansion of neoliberalism to these new formally independent States. As a result of this, the end of the soviet historical block and the establishment of the hegemonical neoliberal discourse in these two countries made possible deep changes in all contexts, such as political, economic and social. In a perhaps paradoxical way, even though the end of the USSR and the neoliberal expansion are two similar events to both revolutions, these factors are also the two differentiating characteristics. Therefore, the crucial objective of this article is to demonstrate the similarities and the differences of these two processes, which are deeply tributary to the socioeconomical and political heritage of the soviet period.

Key-words: International Relations; Hegemony; Neoliberalism; Cesarism.